

***O destino bíblico nas caravanas evangélicas:
peregrinação, experiência e turismo¹***
***The biblical destination in evangelical caravans:
pilgrimage, experience and tourism***

Cristina T. V. Melo– PPGCOM/UFPE²

Paulo Vaz - ECO-UFRJ³

Resumo: Neste artigo, nos debruçamos sobre o discurso publicitário das caravanas evangélicas para a Terra Santa. Para tanto, consultamos o site de cinco agências especializadas em turismo religioso para Israel e analisamos em particular os anúncios de caravanas comandadas por lideranças evangélicas de relevância no mundo gospel. Constatamos que o roteiro e o caráter de peregrinação da viagem buscam fazer o crente repetir o trajeto associado à narrativa bíblica da salvação e assim ter a experiência de sentir Deus, renovando sua fé. Não há questionamentos sobre a verdade dos acontecimentos bíblicos que os crentes buscam reviver. Assim, a caravana é ela mesma um artefato de guerra cultural.

Palavras-Chave: Caravanas Evangélicas; Bíblia, Experiência.

Abstract: In this article, we examine the advertising discourse of evangelical caravans to the Holy Land. To this end, we consulted the websites of five agencies specializing in religious tourism to Israel and analyzed in particular the advertisements for caravans led by prominent evangelical leaders in the gospel world. We found that the itinerary and the pilgrimage-like nature of the trip aim to have believers repeat the journey associated with the biblical narrative of salvation, thus experiencing God and renewing their faith. There are no questions about the truth of the biblical events that believers seek to relive. Thus, the caravan itself is an artifact of cultural warfare.

Keywords: Evangelical Caravans; Bible; Experience; Truth; Tourism.

1. Situando a pesquisa

Em 11 de maio de 2016, o então deputado federal Jair Bolsonaro foi batizado nas águas do rio Jordão pelo pastor Everaldo da Assembleia de Deus, na época líder do Partido Social Cristão (PSC). Nas últimas décadas, grande parte dos evangélicos brasileiros vem

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² PPGCOM-UFPE, Doutora em Linguística, cristina.melo@ufpe.br

³ ECO-UFRJ, Doutor em Comunicação e Cultura, paulo.vaz@eco.ufrj.br

nutrindo uma espécie de “paixão por Israel” (REINKE, 2025). O batismo, portanto, era um gesto de aproximação com esse segmento religioso em franca ascensão⁴ e cujo voto tem se revelado cada vez mais importante nas eleições.

A aposta de Bolsonaro se mostrou muito eficiente. Na eleição presidencial de 2018, segundo pesquisa de boca de urna do Datafolha, o voto evangélico em Bolsonaro atingiu o percentual de 70%, enquanto Haddad recebeu 29%. Já no plesbício de 2022, segundo o mesmo Datafolha, a pesquisa de intenção de voto, três dias antes do segundo turno, apresentava a proporção, entre os evangélicos, de 62% para Bolsonaro e 32% para Lula. Em 2018, a vitória de Bolsonaro surpreendeu muita gente e parte dela foi atribuída ao voto evangélico, pois naquela eleição, pastores, bispos e outros influenciadores incitaram os fiéis contra o Partido dos Trabalhadores (PT), apresentando a legenda como uma ameaça aos valores morais e religiosos da Igreja, em especial à família. Em estudo anterior mostramos que a relação entre moralidade conservadora e antipetismo tem como pano de fundo as políticas públicas do PT voltadas para os Direitos Humanos (DH), em particular aquelas focadas em questões de gênero e sexualidade (MELO; VAZ, 2021; MISKOLCI, 2021). No plesbício presidencial de 2022, o voto evangélico voltou a ser alvo de atenção da mídia e de disputa entre os candidatos.

Em trabalho mais recente (MELO e VAZ, 2025), constatamos que os influenciadores evangélicos conservadores pouco falam de política institucional, ao mesmo tempo são muito relevantes no cenário político. Perguntávamo-nos como essa simultaneidade é possível e identificamos que a confiança do público no influenciador evangélico é formada pelo discurso terapêutico das lideranças, ou seja, o discurso que fala de um Deus todo-poderoso que ajuda o indivíduo a lidar com sentimentos e emoções a fim de alcançar ascensão social. A ênfase está tanto no discurso da esperança, na ideia de que o futuro vai ser melhor, quanto na crítica da dúvida. Isto é, em mostrar que a maior tentação é não crer que Deus estará do seu lado e perder a fé. Os pastores buscam convencer o indivíduo de que Deus pode demorar, mas que Ele faz sofrer para purificar e, depois, concede o que o indivíduo profetizou. Essa confiança entre as lideranças e os evangélicos pode ser convocada em período eleitoral.

⁴ No Censo 2022, 26,9% dos brasileiros se declararam evangélicos. Em 1990 eles eram apenas 9% da população e nos anos 2000 15,4%. Ou seja, em pouco mais de 30 anos, a participação triplicou.

No mesmo texto, mostramos como “a ausência de partilha de acontecimentos em paralelo ao estabelecimento de vínculos a partir de outros acontecimentos próprios à religião evangélica (*shows*, encontros, grandes pregações etc.) é indício da existência de câmaras de eco (NGUYEN, 2020), formando uma esfera pública fragmentada (HABERMAS, 2022) em que pessoas que habitam o mesmo planeta parecem viver em diferentes mundos pela diferença no consumo que fazem da mídia, mais precisamente, pelas diferenças nas escolhas dos acontecimentos que vinculam indivíduos e pelo modo de interpretá-los, que os enquadra, partindo de sua crença na Bíblia, como escrita divina.” (MELO e VAZ, 2025)

Ainda sobre os influenciadores evangélicos, nos chamou atenção os inúmeros posts de excursões guiadas por lideranças religiosas a Israel. No presente texto, decidimos olhar para essas viagens a partir da hipótese de que elas fomentam a crença dos evangélicos num mundo paralelo ao nosso. Acreditamos que essas caravanas mostram de forma significativa de que maneira, hoje, a história religiosa entra em concorrência com a história secular e, assim, provoca uma disputa sobre o enquadramento dos acontecimentos. Ou seja, trata-se de uma guerra cultural. Por ser uma disputa com crenças religiosas, a diferença de enquadramento não implica uma mera diferença de perspectiva no que se observa; ela afeta o estatuto ontológico dos acontecimentos. Trata-se de uma disputa sobre o que é a verdade.

Na presente pesquisa, voltamos aos 30 perfis dos influenciadores antes observados a fim de selecionar anúncios de caravanas promovidas por eles para Israel. Percebemos que em sua maioria essas chamadas publicitárias eram meramente informativas, dando a conhecer apenas o período e os países a serem visitados. Então, entre 1 e 4 de janeiro de 2026, na tentativa de conseguir um material mais rico, realizamos uma busca no Google a partir do nome do influenciador acrescido das expressões “caravana Israel” ou “caravana Terra Santa” ou “caravana Jerusalém”.

Constatamos que da nossa listagem inicial, 14 influenciadores (46,66%) fazem ou já fizeram caravanas para Israel na condição de guia principal ou coadjuvante, 6 (20%) já participaram de caravanas conduzidas por terceiros e 10 (33,33%) não têm registros públicos de viagens a Israel. Descobrimos também que várias dessas lideranças tinham parcerias com agências especializadas em turismo religioso. Essas empresas são peças-chave nas viagens para Israel (FROSSARD, 2013). A fim de conhecer melhor o setor para além das agências que já apareciam associadas aos líderes estudados, fizemos uma nova pesquisa no Google

pela expressão “caravanas Israel” (ou seja, sem a indicação prévia do nome da liderança). Ao final, chegamos a seguinte lista: USTravel, Grupo Guesher e Unisrael Tours, Hebron Turismo, Ômega Turismo e Terra Santa Turismo.

Da nossa amostra, com exceção da Unisrael, instituição criada e gerenciada pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) - e justo por isso de caráter religioso, todas as demais agências são comerciais. Vale frisar que, apesar de voarem para outros locais, a viagem à Terra Santa tem espaço privilegiado nos sites das empresas investigadas, o que dá a entender que este é seu principal filão de mercado. Além disso, essas viagens são acompanhadas por líderes espirituais, em sua maioria, bastante renomados.

O material publicitário acentua a relevância do líder religioso. Por exemplo, no website da USTravel a busca por viagens pode ser feita em função do líder – e não exclusivamente da localidade ou período da viagem. Além disso, é comum a imagem da liderança aparecer em 1º plano sobreposta ao registro fotográfico de uma paisagem ou monumento do país que irá se visitar, bem como da bandeira de Israel.

Segundo Frossard (2013), a autoridade dessas personalidades como guia nas caravanas deriva de fatores diversos: quantidade de visitas anteriores a Israel, fama no mundo gospel, reconhecida liderança religiosa e conhecimento bíblico. Os líderes funcionam como uma espécie de “garotos propaganda” e a presença deles faz com que os pacotes de viagem tenham um preço mais elevado⁵. Na Terra Santa Turismo, a excursão de 12 dias para Israel e Jordânia com um guia comum custa 22 mil, enquanto uma viagem semelhante com o Pr. Silas Malafaia pela USTravel é comercializada por 34 mil. Já a caravana de 14 dias para Egito e Israel sem a presença de uma liderança religiosa organizada pela Terra Santa turismo custa 24 mil, enquanto com o Pr. Claudio Duarte pela USTravel chega a mais de 34 mil reais. Ou seja, a presença do líder espiritual eleva uma média de 12 mil reais a viagem.

Nos tópicos seguintes, comentamos como se constituem os principais argumentos de venda das viagens evangélicas à Israel. Identificamos quatro procedimentos retóricos basilares: a sacralidade do itinerário das visitas, o caráter peregrinatório da viagem, a constatação da verdade bíblica a partir do entrecruzamento entre a leitura do Livro Sagrado e a vivência na Terra Santa e a força da experiência espiritual.

⁵ Os valores cobrados pelas agências variam também em função da sazonalidade, da época, do número de dias que durará a viagem, dos países escolhidos e do tipo de serviço.

2. Caravanas como história da salvação

A maior parte das caravanas evangélicas organizadas ou endossadas por lideranças de grande visibilidade no campo evangélico brasileiro — como Ana Paula Valadão, Cláudio Duarte e Silas Malafaia — reproduzem sistematicamente o trajeto Egito–Israel ou Jordânia–Israel. A razão é clara: as caravanas funcionam como dispositivos concebidos para tornar visível a história da salvação cristã, cuja narrativas centrais são o Êxodo e o sacrifício de Jesus. O deslocamento geográfico não é contingente, mas estruturado de modo a fazer coincidir o espaço percorrido com a narrativa bíblica sobre esses eventos. Em função disso, há certa homogeneização dos percursos, mesmo considerando as diversas agências de viagem.

Ao analisar a origem histórica do poder pastoral em *O sujeito e o poder* (1985), Michel Foucault identifica a cultura judaica como matriz desse tipo de poder, referindo-se implicitamente à narrativa do Êxodo como sua estrutura fundadora. Nas caravanas, a geografia do Êxodo é realizada ora pelo Egito, ora pela Jordânia. Quando é feita a partir do Egito, um lugar incontornável é o Monte Sinai, descrito como o local “onde Deus revelou a Moisés os Dez Mandamentos”. É comum também uma parada em Mara, “onde Moisés tornou a água salgada, potável”. Quando a caravana é realizada a partir da Jordânia, são frequentes as paradas no Monte Nebo, “onde Moisés avistou a terra prometida”, e em Petra, “onde ele feriu a rocha para obter água para o povo de Israel”.

Para compreender a história da salvação no cristianismo o contraste do Deus dos hebreus com o mundo grego é decisivo. Enquanto os deuses gregos são concebidos como proprietários originários da terra e de tudo o que nela existe, o Deus judaico não se apresenta como dono da terra, mas como aquele que promete uma terra (FOUCAULT, 1985). No politeísmo grego, as oferendas são pontuais e seus efeitos, localizados: sacrifica-se um animal — ou, em casos extremos, um ser humano — para obter boas colheitas, a vitória numa batalha ou condições favoráveis à navegação. A relação com o divino é circunstancial, orientada por demandas específicas e por benefícios delimitados.

O Deus judaico, ao contrário, promete uma terra. Ele liberta e salva, oferecendo uma recompensa que excede o horizonte da experiência imediata de seres finitos. Diz respeito a uma terra de abundância, onde o deserto floresce e emanam leite e mel; uma terra de paz, na qual a violência e o conflito cessam; uma terra que não suporta a injustiça; uma terra que

marca o fim da errância e na qual os seres humanos se reencontram com o divino e, enfim, descansam. Trata-se de uma nova experiência de futuro, um futuro como salvação. (HABERMAS, 2021). Ao prometer uma nova vida — ao assegurar uma terra que nunca foi dada a nenhum ser humano finito — torna-se necessária a aliança. Não bastam oferendas limitadas, por mais custosas que sejam: exige-se obediência às leis divinas, exige-se o comportamento moral e, em última instância, o autossacrifício. Dar-se ao sofrimento como ascese é visto como forma de evitar o sofrimento indesejado, aquele que chega por acaso e escapa ao controle humano. Ao mesmo tempo, para alcançar a terra prometida, é necessário obedecer às leis de Deus, o que implica no aguçamento da consciência de si e das regras morais: o sagrado se moraliza (HABERMAS, 2021).

A morte de Jesus Cristo, por sua vez, encerra definitivamente a narrativa da queda e da separação em relação a Deus, figurando como retorno ao paraíso. Pelo sacrifício e pela ressurreição, Jesus teria ensinado aos seres humanos a possibilidade da vida eterna. O futuro assume, então, a forma da vida após a morte, na qual não haverá mais sofrimento nem morte, mas apenas a alegria eterna de estar ao lado de Deus. Porque Jesus existiu, porque morreu e ressuscitou, torna-se possível imaginar uma vida sem sofrimento e sem morte.

As caravanas, além de indicarem os lugares onde Jesus teria nascido, vivido e pregado, encerram o percurso com a visita ao túmulo vazio. Jesus não está mais ali porque ressuscitou. O término da viagem coincide, assim, com o ápice da história da salvação: a confirmação material de que a morte foi vencida. O itinerário não apenas narra a salvação; ele a encena, fazendo do deslocamento físico a culminação de uma promessa teológica.

As caravanas costumam parar nos locais que foram palco de eventos importantes na vida de Jesus (ao menos supostamente), como Cafarnaum, “onde Jesus viveu, estabeleceu seu ministério e realizou inúmeros milagres”, o Rio Jordão, “onde João Batista batizou Jesus”, ou o Jardim do Túmulo Vazio, “onde Jesus foi sepultado e ressuscitou”.

É comum as caravanas visitarem algumas localidades que abrigam resquícios de edificações do tempo em que Jesus viveu, mas que não correspondem a lugares de acontecimentos protagonizados por Ele, como as Ruínas de Cesaréa Marítima (Israel), “cidade construída pelo rei Herodes que funcionou como capital da província da Judéia na época de Jesus e onde morava o procurador romano Pôncio Pilatos”, e o Muro das

Lamentações (Jerusalém), “último resquício do que um dia foi o Templo de Jerusalém na época de Jesus”.

Por vezes, as viagens a Israel incluem idas a instituições modernas que não mantêm relação alguma com a vida ou a época de Cristo, como o Museu do Holocausto. A visita a um museu que narra a tentativa de extermínio e a reconstrução do povo judeu favorece o sionismo cristão, já que a profecia diz que a segunda vinda de Jesus Cristo depende do retorno dos judeus à Palestina.

3. Caravanas como peregrinação

Se, na primeira parte, mostramos que as caravanas reproduzem materialmente as histórias de salvação narradas pela Bíblia, é possível compreendê-las, em um segundo momento, como uma forma peculiar de peregrinação. Em termos gerais, a peregrinação consiste na visita a lugares considerados sagrados, podendo incluir um trajeto cujas dificuldades não são apenas obstáculos, mas parte necessária e constitutiva da experiência (READER, 2015). Ela pode ser individual ou coletiva. As caravanas evangélicas para Israel se caracterizam precisamente por essa dimensão coletiva: são viagens organizadas, estruturadas e conduzidas por alguma autoridade religiosa, que orienta o percurso e a interpretação dos lugares visitados.

Trata-se, contudo, de uma peregrinação voluntária. Diferentemente da ida a Meca, que constitui uma obrigação religiosa para todo muçulmano, a participação nas caravanas não é prescrita como dever, nem condição de pertença ou salvação. Elas se oferecem como possibilidade, não como mandamento.

Como toda peregrinação, as caravanas supõem uma relação com o sagrado. A visita a determinados lugares implica a crença de que o contato com o invisível produz efeitos concretos sobre as pessoas. Alguns espaços seriam mais sagrados do que outros, concentrando uma presença divina mais intensa. O cristianismo católico fornece exemplos clássicos dessa hierarquização: Lourdes e os inúmeros locais de aparição de Nossa Senhora espalhados pela França, México, Brasil, Guatemala ou Filipinas, frequentemente associados a relíquias e imagens.

A peregrinação pode também assumir a forma de penitência. O deslocamento, o esforço físico e o sacrifício são concebidos como meios de remissão de pecados e de

transformação da vida. Na Idade Média, caravanas a Jerusalém podiam valer como participação indireta nas cruzadas. Entre os católicos, o exemplo mais conhecido que ainda conserva explicitamente essa dimensão penitencial é o Caminho de Santiago.

Essas duas características da peregrinação — a ideia de que certos lugares são mais sagrados do que outros e a associação entre deslocamento e sacrifício — foram alvo de críticas contundentes por parte de Martinho Lutero (WENGERT, 2016). Para Lutero, a hierarquização do espaço e a penitência como obra ameaçavam a centralidade da fé e reintroduziam uma economia de sacrifícios incompatível com a doutrina da justificação.

As caravanas evangélicas contornam essas críticas de modo bastante específico. Elas são, antes de tudo, viagens sem esforço: não há penitência corporal, não há promessas a pagar, não há rituais de sacrifício previstos. Além disso, a hierarquização dos lugares não deriva de relíquias ou aparições, mas da própria Bíblia. O sagrado, nesses casos, não funciona como presença autônoma do divino, mas como instância de autenticação do texto bíblico, que permanece, para os protestantes, a única mediação legítima do divino.

Nesse ponto se torna evidente a proximidade entre peregrino e turista. A peregrinação subsiste, mas sob a forma de uma experiência organizada, confortável e interpretada, na qual o trajeto confirma a Escritura sem exigir renúncia ou penitência. As caravanas evangélicas se imbricam à lógica do mercado e combinam deslocamento, contemplação e consumo de lugares, esvaziando o sacrifício e reconfigurando o sagrado. Chama atenção, por exemplo, que após a visita ao Túmulo Vazio e celebração da Santa Ceia, a caravana de Silas Malafaia ao Egito e Israel reserve um tempo para compras no mercado árabe da Cidade Velha, ou que a visita ao desfiladeiro de Siq e aos monumentos esculpidos na rocha pelos nabateus tenha como referência o filme Indiana Jones⁶.

Ainda sobre este caráter profano das caravanas, os anúncios das agências costumam destacar eventos típicos de viagens turísticas comuns: momentos dedicados as compras, hospedagens luxuosas, degustação de pratos típicos, vivências em locais característicos da região.

⁶ Egito e Israel com o Pr Silas Malafaia <https://ustravel.com.br/saidas/1141/>

Depois, visitaremos o comércio local para conhecermos o famoso artesanato em oliveira típico da região e as joias em ouro 14 quilates que, lá, **são vendidas sem imposto**. Egito e Israel com o Pr Silas Malafaia <https://ustravel.com.br/saidas/1141/>
A gente passa um dia aqui no resort, **um resort top**. (Caravana, Israel Egito Silas Malafaia 2024)

Subida pelo Vale do Aravá até a região do Mar Morto, ponto mais baixo do mundo, onde teremos **tempo livre para banho nas famosas águas do Mar Morto, que têm a maior concentração de sal do mundo e onde ninguém afunda**. Egito e Israel. Pr. Claudio Duarte. <https://ustravel.com.br/saidas/1005/>

Vale registrar que muitas caravanas conjugam a ida a Israel a países que não mantêm qualquer relação com acontecimentos bíblicos. Nesses casos, Dubai é um destino que se sobressai, sendo vinculado a uma arquitetura imponente, riqueza e tecnologia.

4. Caravanas como gesto de aproximação entre o visto e o lido

As próprias caravanas explicitam o problema que procuram resolver. Seus materiais de divulgação insistem na coincidência entre deslocamento físico e verdade bíblica (KAELL, 2014): “caminhar pelas mesmas terras em que Jesus esteve, orar nos lugares onde a história da fé aconteceu. Pisaremos onde Jesus pisou. Vamos caminhar por cenários bíblicos.” Em formulação ainda mais explícita: “Caminhando por terras onde Ele revelou Seu amor, Sua voz e Seus milagres ao longo da história. Presente e passado, profano e sagrado, efêmero e eterno... cenários onde Jesus ensinou, curou, se entregou e venceu. O que se vê confirma o que se leu.” A promessa é clara: o visível funcionaria como garantia da verdade do texto; o espaço confirmaria a narrativa.

A dificuldade é que essa coincidência não se impõe imediatamente. Israel contemporâneo, em nada, parece visualmente corresponder ao que está escrito. Coloca-se, então, a questão decisiva: como aproximar o presente do passado? Mais ainda, como aproximar um passado que deve ser, ao mesmo tempo, evento sagrado e evento histórico? O obstáculo não se limita a identificar o visto ao escrito; ele envolve uma contraposição direta à

apreensão moderna da Bíblia, isto é, ao chamado método histórico-crítico, desenvolvido a partir do século XIX.

No século XVII, a Bíblia ainda podia ser pensada, para os protestantes, como palavra de Deus e presença direta do divino. É nesse contexto que Baruch Spinoza opera uma inflexão decisiva: a Bíblia deixa de ser concebida como palavra de Deus para ser tratada como narrativa histórica de um povo (FOUCAULT, 2023; HABERMAS, 2021). O procedimento básico que se consolida posteriormente no método histórico-crítico consiste em reconduzir o texto disponível no presente ao contexto passado que o tornou possível, isto é, às suas condições históricas de possibilidade. O autor não está mais presente para defender o texto das interpretações que suscita; a escrita permanece, enquanto seu sentido se torna objeto de disputa. Quem escreveu? Em que contexto? Com que finalidade? Em que momento histórico determinado?

Esse procedimento não é exclusivo da Bíblia. Assim como ela, a *Ilíada* e a *Odisseia* também se apresentam como narrativas históricas. Homero existiu? Foi um autor ou vários? Como se deu a passagem da oralidade à escrita? Quais são os lugares narrados? Os personagens existiram? E mesmo que Tróia tenha sido uma cidade histórica, isso não implica que tenham existido sereias, feiticeiras capazes de transformar homens em porcos, gigantes de um só olho ou os deuses gregos. De modo análogo, ainda que alguns lugares narrados na Bíblia possam ser identificados, isso não significa que os milagres ali descritos tenham, de fato, ocorrido.

O método histórico-crítico exclui, em princípio, a possibilidade de acesso a uma realidade extra-humana. A proximidade que ele estabelece entre presente e passado é a de seres humanos esforçando-se para dar sentido à sua finitude — ao sofrimento e à mortalidade que, uma vez tornados conscientes, nos confrontam com o mistério de estar vivo. Contudo, se aceitamos a premissa da Revolução Copernicana de Kant, isto é, que não há acesso à coisa em si, se só percebemos os objetos no espaço e no tempo, esse esforço não conduz à verdade última, mas a outros modos de atribuir sentido ao sofrimento. Quando questionamos nossas verdades atuais, abrimos espaço ao surgimento de novas crenças que serão consideradas verdadeiras por seres humanos do futuro — nem mais, nem menos verdadeiras do que as nossas ora questionadas. São jogos de verdadeiro e falso a partir dos quais o ser se dá como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado (FOUCAULT, 2013).

Os resultados acumulados do método histórico-crítico são conhecidos e amplamente difundidos. Segundo essa abordagem, Moisés não existiu como personagem histórico, nem escreveu o Pentateuco; Davi não compôs os salmos; a Aliança entre Deus e o povo judaico teve como modelo os tratados de vassalagem impostos pelos reis assírios 500 anos após a presumida data proposta na Bíblia (Habermas, 2021); os milagres são tropos literários, não eventos a serem tomados literalmente; a maior parte dos acontecimentos narrados na Bíblia não é histórica. A narrativa do Êxodo foi, em grande medida, redigida durante o exílio na Babilônia. Assim, o Deus único que faz a aliança de salvação com um único povo pode ser interpretado como forma de dar sentido à experiência da dominação e do sofrimento: *nós*, que sofremos, seremos salvos — desde que sigamos as leis de Deus — porque somos o povo escolhido; *eles*, que nos fazem sofrer, serão castigados no futuro, nem que seja por não terem acesso a uma terra prometida. Trata-se de uma história que se inventa para dar sentido ao sofrimento e sonhar com a libertação.

Desde o final do século XIX, a reação a esse conjunto de conclusões do método histórico-crítico assume a forma de uma leitura literal da Bíblia. Palavra de Deus, todo enunciado bíblico deve ser absolutamente verdadeiro. Se um milagre não aconteceu — se é impossível que Jonas tenha sido engolido por um peixe gigante e sobrevivido três dias em sua barriga —, como acreditar na ressurreição de Jesus? Como acreditar na vida eterna? (ARMSTRON, 2008). Além disso, se o que a Bíblia narra sobre o futuro vai acontecer, torna-se possível e necessário interpretar os acontecimentos do presente como antecipados pelo Apocalipse. Nesse regime, o visto pode — e deve — ser identificado ao lido.

As caravanas contemporâneas se situam, assim, no confronto entre dois modos de história intelectual, isto é, entre duas maneiras pelas quais os seres humanos se instalam no mistério e constroem narrativas para dar sentido ao que experimentam. Em uma delas, presente e passado são articulados pelo eterno: no passado, o eterno foi apreendido e revelado, cabendo aos seres humanos do presente afastarem-se do mundo secular para se reinstalarem nesse eterno. Na outra, os seres humanos procuram dar sentido ao sofrimento por meio da política e do questionamento das crenças que impõem limites ao que pode ser pensado e experimentado, construindo, assim, um futuro menos hostil à vida.

Como, então, afirmar que os milagres existiram e que Deus quer nossa salvação por meio de viagens ao Egito, à Jordânia ou a Israel? Os desafios são numerosos. Além de os

restos do passado estarem imersos em nossa atualidade tecnológica, há o peso de duzentos anos de resultados do método histórico-crítico. Não há evidência do Êxodo, da historicidade de Moisés, da fuga de seiscentos mil escravos do Egito; não se sabe onde fica o Monte Sinai. Os lugares associados a Jesus são mais facilmente identificáveis, pois algumas cidades perduraram no tempo, como Belém e Jerusalém. Ainda assim, é necessário transportar as pessoas para o passado.

A caravana não opera a transição do presente ao eterno, como nos rituais religiosos usuais. Ela realiza a passagem do presente a um passado específico no qual se supõe que o eterno se manifestou. Não se trata de qualquer momento histórico em que se admite uma ação palpável do divino — como aparições marianas —, mas daquele em que a própria verdade teria se revelado: o momento em que Deus se manifestou aos seres humanos e anunciou a possibilidade de salvação. Os fragmentos do passado tornam-se, assim, experiência de fé, renovação da fé, renovação da crença. Não se peregrina tanto ou não apenas pela espera de que a viagem resulte em uma intervenção positiva na vida do peregrino/turista; peregrina-se, sobretudo, para acreditar.

Sobre a questão da confirmação da crença em função a ida aos locais bíblicos, interessante observar as visitas aos locais onde não há mais resquícios materiais do passado, mas que, a partir de reproduções e encenações do estilo de vida da época de Jesus, buscam criar um efeito de real e de verdade. Dois exemplos são o Nazareth Village, em Nazaré, “um museu ao ar livre que recria a vida de uma aldeia galileia do século I”, e o “Genesis Land (ou Eretz Bereshit)”, no deserto da Judeia, perto do Mar Morto, que reconstitui a vida bíblica de Abraão e dos patriarcas, oferecendo experiências como andar de camelo e acampar em tendas”. O fato dessas vivências acontecerem em território bíblico, aliado ao caráter imersivo das propostas, busca manter o caráter sagrado da experiência do crente.

5. Considerações Finais

A Bíblia se apresenta como palavra revelada sob a forma de uma narrativa histórica perpassada pela intervenção divina. Com o advento da Modernidade e a consolidação da história como modo de ser de tudo aquilo que é dado na experiência, surgem imediatamente duas tendências antagônicas: de um lado, a tentativa de ancorar a palavra revelada na

historicidade moderna; de outro, o uso dessa mesma historicidade para questionar a revelação. De fato, a distância entre os dois tipos de narrativa sobre a história humana tornou-se rapidamente evidente com a profundidade temporal revelada pela geologia e com o lugar atribuído à seleção natural no surgimento dos seres humanos. Menos visíveis, mas talvez mais perturbadoras, foram as descobertas da hermenêutica histórica aplicadas à Bíblia, pois elas não apenas relativizam os relatos bíblicos, mas colocam em questão a própria possibilidade de uma intervenção sobrenatural na história humana.

Como vimos, as caravanas evangélicas para Israel desprezam olímpicamente essa discussão científica sobre a ancoragem histórica da narrativa bíblica. Achados arqueológicos só adquirem relevância na medida em que podem ser mobilizados para reafirmar a verdade da Bíblia: o túmulo de um faraó, a descoberta de um barco milenar, a permanência de um muro. Não se trata de submeter a Escritura ao crivo da história moderna, mas de subordinar a história ao papel de auxiliar confirmatório da revelação.

Esse desprezo pela história moderna mostra que não estamos apenas diante da coexistência de duas ontologias, mas também de duas práticas epistêmicas radicalmente distintas. Na historicidade secular, o conhecimento e a política se organizam a partir do peso das evidências, da confrontação de hipóteses e da existência de debate público; a verdade é sempre provisória, contestável e dependente de procedimentos coletivos de validação. Já no regime da verdade como experiência, característico das caravanas e, de modo mais amplo, do universo evangélico contemporâneo, os critérios decisivos para a qualidade de um argumento não são as evidências empíricas e sua inserção num debate livre, mas a sensação: sentir a presença do invisível vale como prova suficiente daquilo que não é dado à experiência de seres humanos finitos. Trata-se de uma forma de conhecimento que dispensa evidências externas, pois aquilo que é sentido (uma “evidência” interna) não se oferece à verificação, à refutação ou à controvérsia.

A convivência, no mesmo tempo e no mesmo espaço, dessas duas práticas epistêmicas não corresponde, portanto, a uma simples diferença de perspectivas sobre um mesmo objeto. Ela implica a produção de mundos distintos, regidos por critérios incompatíveis de verdade. A história da salvação supõe a intervenção divina e obriga todo presente a se conceber como intervalo entre a vinda de Cristo e o juízo final. A historicidade secular, inaugurada na Modernidade, supõe, ao contrário, que o que existe decorre da ação de

forças naturais, de processos de seleção natural e da organização social de ideias e comportamentos. O presente se pensa como herdeiro do passado e como aberto à construção de um futuro diferente que depende, ao menos em parte, de escolhas políticas e morais.

O fiel que participa de uma caravana percebe essa duplicidade ontológica e epistêmica? Ou simplesmente preserva do mundo secular aquilo que já está incorporado à sua vida cotidiana — especialmente os objetos técnicos que tornam a viagem possível, como aviões e celulares? É possível que perceba que os locais visitados não estão imunes à contestação histórica; mas, diante desse desconforto, há respostas prontas, orientadas menos à discussão dos argumentos do que à desqualificação dos valores de quem questiona, já que, no regime da verdade como experiência, o debate perde pertinência diante da certeza sentida.

A convivência conflituosa — ainda que frequentemente implícita — entre essas duas historicidades e práticas epistêmicas não significa, contudo, que elas não se afetem mutuamente. De um lado, o individualismo, o prazer e o consumo, características centrais da atualidade secular, deixam marcas evidentes na programação das caravanas. De outro, em todas as caravanas evangélicas analisadas, há um segmento explícito dedicado a incentivar o filosemitismo, com consequências diretas para a política externa brasileira. A história da salvação que estrutura essas viagens supõe a proximidade do Apocalipse, que teria, segundo a reinterpretação evangélica hoje predominante, como uma de suas condições o controle das terras de Israel pelos judeus.

O amor dos evangélicos pela Israel bíblica extrapola para o contemporâneo e fomenta não apenas o desejo de visitar o país, mas também alianças com o governo israelense. Não à toa, Bolsonaro tentou durante seu governo transferir a embaixada do Brasil em Israel de Tel Aviv para Jerusalém. O governo israelense, por sua vez, tem retribuído essa paixão por Israel. Em visita ao Brasil em dezembro de 2018, o então primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, declarou que os evangélicos eram os melhores amigos do seu país. Na época, mencionou que em hebraico “Jair” significava “aquele que traz a luz”. A presença da bandeira israelense em atos bolsonaristas reforça a aliança da extrema direita brasileira com aquele país e faz pensar nessas relações entre extrema direita, evangélicos e Israel. Enfim, as caravanas evangélicas à Terra Santa são um roteiro de fé, mas também palco de reafirmação identitária, onde o turismo e o sagrado se fundem na construção de um território de disputa simbólica e política.

Referências

- ARMSTRON, Karen. *The Bible: a biography*. Nova York: Atlantic Monthly Press
- DATAFOLHA de 25 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual. **G1**, [s. l.], 26 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numericos/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 4 fev. 2026.
- DATAFOLHA: Lula tem 49% no 2º turno, e Bolsonaro, 44%. **G1**, [s. l.], 27 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/10/27/datafolha-lula-tem-49percent-no-2o-turno-e-bolsonaro-44percent.ghtml>. Acesso em: 4 fev. 2026.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité 2 L’usage des plaisirs**. Paris: Gallimard-Jeunesse. 2013.
- FOUCAULT, Michel. *et al.* **Le discours philosophique**. Paris: EHESS : Gallimard : Seuil (Hautes études). 2023.
- FROSSARD, Miriane Sigiliano. **Caminhando por terras bíblicas: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas brasileiras para a Terra Santa**, doutorado em Ciências da Religião) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- HABERMAS, Jürgen. **Une histoire de la philosophie: La constellation occidentale de la foi et du savoir**. Paris: GALLIMARD. 2021.
- HABERMAS, Jürgen. Reflections and Hypotheses on a Further Structural Transformation of the Political Public Sphere. **Theory, Culture & Society**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 145-171, 2022.

KAELL, Hillary. **Walking Where Jesus Walked: American Christians and Holy Land Pilgrimage**. NYU Press. 2014.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo. Guerras culturais: conceito e trajetória. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 6-40, 2021.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo. Povo abençoado! Política e fé no meio dos influenciadores evangélicos brasileiros. **Revista FAMECOS**, 2025. No prelo.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-meditizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NGUYEN, C. Thi. Echo chambers and epistemic bubbles. **Episteme**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 1-21, set. 2018.

READER, Ian. **Pilgrimage: a very short introduction**. Oxford: Oxford University. 2015.

REINKE, André Daniel. **Paixão por Israel**: judaização, sionismo cristão e outras ambiguidades evangélicas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025. *E-book*.

RIESEBROD, Martin. **The Promise of Salvation: A Theory of Religion**. Chicago: University of Chicago Press. 2010.

READER, Ian. **Pilgrimage: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press
WENGERT, Timothy. J. **Treatise on Good Works, 1520: The Annotated Luther Study Edition**. Bloomfield: Fortress Press. 2016.